

ELEFANTEBU

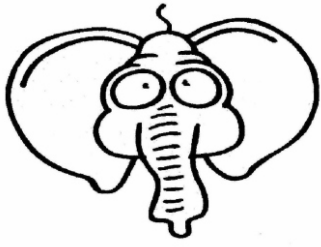
CULTURA POP E PATO FU

EDIÇÃO Nº8 - SETEMBRO/OUTUBRO/NOVEMBRO DE 2005



Porão do Rock

E mais: Ludov, Quadrinhos, Gizza Machado



Esta pode não ser a melhor edição do Elefante Bu, mas é a mais especial. Tudo porque ela correu um sério risco de não existir. Quando faltava pouco para encerrar todo o conteúdo do fanzine, o computador

pifou. Levei a CPU para a primeira loja de informática que vi na lista telefônica e no dia seguinte o diagnóstico: processador e placa mãe foram para o espaço. Quase tive um piripaque! A moça da loja deve ter ficado com pena de mim e se comprometeu em salvar, pelo menos, os arquivos do computador.

E não foi uma tarefa tão simples. O técnico ligou dizendo que o equipamento era tão antigo, que seria preciso procurar peças compatíveis para salvar as informações. Algo que poderia levar um dia ou dois. Senti que o meu computador era como um Corcel 79 que foi da oficina direto para o ferro-velho. O alívio chegou quase três dias depois, quando o técnico ligou para perguntar quais as pastas deveriam ser salvas. Pulos de alegria. A edição do Elefante Bu estava garantida e foi finalizada num novo equipamento. Algo como um Pálio Weekend Adventure 2005.

Seria frustrante não poder mostrar a você a passagem do Pato Fu no Porão do Rock em Brasília, o poema de Gizza Machado, o texto sobre quadrinhos de Sandro Marcelo. Revelar o talento de Daniela Casarotto como ilustradora (e conselheira editorial). Há muita coisa para explorar nas próximas páginas. Agora, amigo meu, divirta-se!

AGRADECIMENTOS:

Daniela Casarotto, Ricardo Moreira, Marcelo Lemos, Gizza Machado, Sandro Marcelo, Cinthia Barbosa, Loester, Fernanda Takai, Babaloo Kid, Faabio, Brunno Melo, Joana, Ana Laura, aquele esquema de distribuir discos pelo e-mail, o moço que salvou os arquivos do meu computador quebrado, e Anderson.

E-MAIL:

elefantebu@yahoo.com.br

FAROFADA GERAL:

<http://www.elefantebu.blogspot.com.br>

CANÇÕES E AFINS:

Kid Abelha! Doses da diva Norah Jones, Júpiter Maçã e B.B King.

PATO FU

Odair José e MTV
Porão do Rock
Estado de Minas

MÚSICA

Los Hermanos
Ludov
Pitty e outros

GELÉIA GERAL

Gizza Machado
Quadrinhos
Verônica Mars

EDIÇÃO, DIAGRAMAÇÃO E TEXTOS:

Djenane Arraes

FOTO CAPA:

Marcelo Lemos

ILUSTRAÇÕES:

Daniela Casarotto e Cinthia Barbosa

ODAIR JOSÉ

Pato Fu gravou *Uma Lágrima*, de Odair José, para o disco-tributo de luxo ao famoso cantor brega (que hoje é cult). Odair José ficou conhecido como "o cantor das empregadas" e tem no currículo hits como *Vou tirar você desse lugar*, *Esta noite você vai ter que ser minha*, e o grande clássico *Uma vida só (pare de tomar a pílula)*. O disco em homenagem ao cantor vem acompanhado de uma mini-biografia e discografia, além do texto de apresentação de Paulo César Araújo, autor do livro *Eu não sou cachorro não – música popular cafona e ditadura militar*. Outros que também regravaram Odair José para o tributo foram Zeca Baleiro, Mundo Livre S/A, Los Pirata e Mombojó.

MTV E ANIMA MUNDI

O vídeo-clipe da música *Anormal* está concorrendo a quatro categorias no Video Music Brasil (VMB), da MTV. São elas: melhor clipe pop, melhor direção, direção de arte e edição. O clipe de *Anormal* foi dirigido por Jarbas Agnelli, o mesmo de *Made in Japan*. Além do diretor, as duas produções têm em comum o uso de tecnologia de ponta. O Pato Fu também concorre ao VMB de melhor website. Produções do projeto de mini-clipes também ganharam destaque ao serem exibidos no festival Anima Mundi. Os vídeos de animação *Uh, Uh, Uh, Lá, Lá, Lá, Ié, Ié*, com desenhos de Laerte, e *Tudo*, com direção de Adriane Puresa, foram selecionados para a mostra competitiva do festival internacional que aconteceu em julho, no Rio de Janeiro. Enquanto o DVD que reúne todos esses trabalhos não vem, o Pato Fu segue disponibilizando os mini-clipes no site oficial. Vale a pena dar uma olhada.

Foto: Loester

SEMPRE UM PAPO

O Pato Fu foi a primeira banda a participar do projeto Sempre Um Papo de Brasília. O evento é realizado há apenas três anos na capital federal. Sempre um Papo envolve palestra e debate entre público e convidados, e estava destinado apenas a escritores ou atores. Na ocasião, o Pato Fu aproveitou para divulgar o então recém-lançado *Toda Cura Para Todo Mal* e respondeu dezenas de perguntas das pessoas que lotaram o teatro do Espaço Cultural da Caixa. Ao final do "debate", foram mostrados sete clipes produzidos para o novo disco.



A PESSOA

A história das três irmãs cegas que vivem da cultura popular em Campina Grande, Paraíba, foi documentada no filme *A pessoa é para o que nasce*, de Roberto Berliner. Além do filme, confira a trilha sonora que teve a participação do Pato Fu fazendo versão da música *Noite Enluarada*. Mais informações do filme no site www.apessoa.com.br.

PORÃO DO ROCK

Fotos: Marcelo Lemos

O Pato Fu foi responsável por um dos melhores momentos do festival Porão do Rock deste ano. A banda conseguiu ter em mãos mais de 30 mil pessoas, num show bem equilibrado que alternava hits com canções do *Toda Cura Para Todo Mal*.

O festival Porão do Rock chegou a sua oitava edição se firmando como um dos mais importantes do país. É também conhecido por ter um público que pode se tornar difícil de conquistar por causa da grande mistura de estilos (de modo geral, o brasileiro tem fama de ser difícil). Em edições anteriores, por motivos econômicos, o festival chegou a ser realizado num único dia, forçando uma banda de pop/rock tocando logo após uma de heavy metal, por exemplo. Ano passado, um músico da banda do Supla foi ferido por um objeto lançado pelo público. Um acidente que poderia ser evitado com um melhor remanejamento da sequência das atrações.

Para a oitava edição, o Porão foi dividido em



três dias: o primeiro para o metal, o segundo para o rock e o terceiro para o pop. Com a segurança de um público receptivo por natureza, o Pato Fu teve a responsabilidade de ser a primeira grande atração do último dia do festival e não decepcionou. Começou o show com guitarra distorcida, pesada e procurando levantar a multidão com *Estudar Pra Quê?*, apenas com os homens da banda no palco.

Fernanda Takai entrou em seguida tocando *Anormal*, a atual música de trabalho do novo disco. O show foi mais enxuto que o regular da atual turnê por se tratar de um festival com tempo limite de apresentação. Duas músicas receberam novas versões para essa nova temporada de shows: a clássica *O processo de criação vai de 10 até 100 mil* e *Capetão*. Se a primeira mudou pra melhor, a "música do capeta" perdeu um pouco da explosão e da graça ao ser resumida e transformada numa vinheta.



Algumas canções do novo disco tinham tudo para crescer ao vivo, mas isso não aconteceu. Foi o caso de *Amendoim* e *Estudar Pra Quê?*. Elas ficaram tão fiéis a sonoridade da gravação que se tornaram frias. O ponto alto da apresentação, ao menos para os fãs antigos, foi *Gol de Quem?*, que fez o povo pular. Os hits radiofônicos *Depois*, *Perdendo os Dentes* e *Meio Desligado* serviram bem no momento "vamos cantar junto".

O Pato Fu encerrou o show com *Uh, Uh, Uh, Lá, Lá, Lá, Iê, Iê*. Embora ela tenha empolgado a massa brasileira, o discurso embaraçoso de Fernanda Takai em defesa de Michael Jackson que antecedeu a música foi uma pérola para entrar na história do Porão do Rock. Nada como momentos de embaraço para temperar uma grande apresentação. Se o Pato Fu sempre foi bem recebido na capital federal, o Porão do Rock apenas serviu para consagra-los.



COLETIVA NO PORÃO

Após encarar um público de mais de 20 mil pessoas, o Pato Fu enfrentou outro desafio no festival Porão do Rock deste ano: os jornalistas. Tantos que fez a vocalista da banda ficar admirada. "Por que aqui tem mais jornalistas do que qualquer outra parte do Brasil?". De fato, segundo estatísticas, há um jornalista para cada prédio da chamada Grande Brasília, mas isso é outra história. Na descontraída coletiva de imprensa, a banda falou do festival e do novo disco, entre outros assuntos.

Música Pop

Fernanda – Sempre há aquela história de dizer que música pop é rasteira e ruim. Mas acho que temos bons exemplos de músicas pop boas. Temos Rita Lee, Paralamas, Ira!. Fora daqui: David Bowie, Radiohead. Tudo pode ser pop, desde que tenha um grande consumo pela massa. Acho que temos é que se desfazer um pouco dos preconceitos e enxergar o valor da música boa, independente de ser pop, heavy ou romântica. Se há uma grande exposição e é boa, não se pode jogar fora. Eu gosto muito de música pop. Gosto de música com muita melodia, muita harmonia e canções que grudam na cabeça.

Festivais

John – Festival é um pouco diferente de um show só da sua banda. Há aquelas pessoas que vão para uma banda em específico e você precisa entretê-las enquanto a tal não aparece. Isso gera uma competição do tipo: "vamos ver qual foi a melhor". E mesmo que o clima entre as bandas não seja esse, o público vai ficar falando essas coisas. No geral, a tônica do festival é você escolher só os hits. Isso é uma coisa que a gente não faz. Acho que você tem de agradar tanto ao público quanto a si mesmo. Você tem que propor coisas. Se eu fizer mais do mesmo em todos os shows, posso ganhar um pouco mais de aplausos, mas a minha energia criativa vai se encolhendo. Então, acho que temos que tocar coisas que as pessoas conheçam, mas tem que forçar a barra um pouco também, senão a gente perde a nossa função. Aliás, acho que é isso que tentamos fazer na nossa carreira, nos discos e nos shows: se equilibrando em coisas que as pessoas querem ouvir de uma maneira mais automática e aquilo que a gente quer mostrar.

Toda Cura Para Todo Mal

Fernanda - O disco foi lançado há um mês e temos dois termômetros. Um é a nossa base de fãs que conhece o Pato Fu desde 93, e acompanha a gente a cada disco. Outro é a imprensa. Sem dúvida esse é o disco que teve mais críticas positivas por parte da imprensa. Acho que foi melhor até que o *Rotomusic* e o *Gol de Quem?*. Não sei se por causa da própria qualidade musical ou se pelo hiato que aconteceu. Houve um monte de coisas por trás desse disco, e algumas delas influenciaram o modo de ver e de ouvir. Mas sem dúvida é um disco que têm boas críticas e os fãs de longa data acolheram maravilhosamente bem. Agora tem a outra parte que é misteriosa: não sei se vai tocar em rádio e não sei se vai vender muito. A idéia é fazer, pelo menos, muitos shows. E isso independe um pouco de você está sempre nos holofotes. Lógico que se você tem música na novela, se tem uma música que é a mais executada, vai ganhar mais dinheiro e vai fazer mais shows em lugares grandes. Mas a gente sabe também que é possível ter um outro tipo de carreira, que é mantida pelas pessoas que gostam da sua música independente do sucesso.

Disco caseiro

John – Ao longo da nossa carreira, fomos construindo uma estrutura própria e eu fui aprendendo a lidar com as coisas técnicas da produção. Quando chegou nesse disco, que num certo momento ficamos desvinculados da gravadora, decidimos fazer-lo em casa e o apresentamos pronto para as gravadoras. É um trabalho que te dá muita satisfação, e ao mesmo tempo leva muita responsabilidade, porque tudo que está ali é nossa culpa.

Nina

John – Em nossa carreira como pais, estamos em nosso primeiro disco, e ele se chama “Nina”. Quando a gente lançou o disco, muita gente perguntou se a Nina nos influenciou ou se tinha música para ela. A gente fala que não e vem cara de muxoxo, porque as pessoas querem ouvir um “sim”. O fato é que as músicas do disco novo foram feitas um pouco antes, ou no processo, e não houve tempo de haver alguma influência específica. Mas acho que isso vai acabar acontecendo porque somos influenciados pelas coisas que acontecem na vida da gente. A gente tem a nossa filhinha e tentamos organizar a nossa vida em torno disso. Ela vira uma espécie de musa inspiradora, mas não é que eu vá fazer músicas infantis ou coisa do tipo. Imagine um cara que escreve livros de terror e um dia tem um filho e pára de fazer livros assim. Ele vai acabar virando um péssimo autor de livros infantis.

Pato Fu e Brasília

Fernanda – Tivemos uma acolhida muito positiva de Brasília no início da carreira. Na época de independente, a gente saía de Belo Horizonte para cá. Inclusive o Marcos Pinheiro e o Carlos Marcelo produziram o primeiro show do Pato Fu aqui, que aconteceu na ASBAC há muitos anos. Na época tinha o Oz, Os cabeloduro, bandas contemporâneas a nossa. Essa acolhida ao novo se realiza numa capital que está sempre garimpando vários sons, seja através do público em procuras pessoais, das pessoas do meio, ou das rádios que abrem sua programação para novas bandas, como o Cult 22. Acho que o Porão do Rock vem mostrar na prática toda essa cultura que vem desde os anos 80.

Porão do Rock

Fernanda – Eu vinha acompanhando a história dele pela internet. Essa edição comprova para todo mundo o sucesso de público e de imprensa, porque tem gente credenciada do Brasil inteiro aqui. Eu fico feliz em participar. Acho que agora eles têm problemas em selecionar as bandas porque todo mundo quer tocar aqui. Isso que é legal no festival: ter mais gente querendo tocar do que horário disponível. No início é sempre o contrário.

Ações Sociais no Porão do Rock

John – Isso é uma coisa que a gente tem visto em vários festivais. Acho que é impossível você juntar um tanto de gente, chamar tanta atenção, sem desviar um pouco o foco para essas coisas. Seria o desperdício de uma boa oportunidade. São iniciativas mais que louváveis e no que pudermos contribuir, estamos dentro.

Michael Jackson

Fernanda – Eu sou uma daquelas pessoas que acham que o Michael Jackson é muito maluco muito excêntrico, mas que não é tarado. Acho que houve muitas coisas complicadas que aconteceram na vida dele, inclusive familiares, mas dou o meu voto de confiança a ele. Claro que crime de pedofilia é um dos mais graves, acho ainda mais agora que sou mãe. Mas fiquei muito feliz mesmo que ele foi considerado inocente. Engraçado que falava isso para algumas pessoas e elas diziam “ah é?”, como se quisessem que ele fosse culpado. Via isso até mesmo no noticiário, da imprensa pré-condenando. E o engraçado é que além de pré-condenar, eles ainda apagam tudo que ele havia feito de bom. O Michael Jackson é um artista extremamente talentoso que não pode ter sido muito feliz nos últimos lançamentos, mas que escreveu páginas brilhantes na história da música. O *Uh, uh, uh, lá, lá, lá, ié, ié* é uma ode a estética sonora dos Jackson Five, a aquela alegria que eles colocaram na música americana que se propagou ao mundo tudo.

Manuela Azevedo

Fernanda – Manuela Azevedo é a vocalista da banda pop portuguesa Clã, que tem uma carreira parecida com a nossa. E há coincidências que vão desde a Manuela ser casada com o guitarrista e ter um estúdio em casa, até ela ter ficado grávida na mesma época que eu. Mas o que vale é que gostamos da música um do outro. No encontro que tivemos em Porto, sentimos que a música brasileira fazia bastante sucesso em Portugal, mas não acontece o contrário. Os artistas portugueses sentem um pouco de falta dessa troca. Então surgiu essa idéia de trocar figurinhas por afinidade e por querer que esse movimento seja uma coisa constante. O Clã convidou o John para fazer uma letra para o disco mais recente deles, e a gente convidou a Manuela para um dueto no *Boa Noite Brasil*. A gente espera que até o final do ano, ou no início do ano que vem, possamos fazer shows juntos.

SENSIBILIDADE NA PÁGINA DO JORNAL

Tem colunista nova nos jornais Correio Braziliense e Estado de Minas, e ela atende pelo nome de Fernanda Takai. Os textos da vocalista do Pato Fu são publicados as sextas-feiras no periódico mineiro. É um espaço livre onde poesias, desenhos e crônicas são permitidos e bem-vindos. A coluna no Correio Braziliense é publicada também as sextas, porém quinzenalmente. “É um espaço que me coloca em contato com um público que não necessariamente conhece a banda. Acho que o maior retorno que tenho hoje é de gente que não tem a mínima idéia do que seja o Pato Fu. Tenho até um e-mail específico para não ter nenhum tipo de valor agregado no texto quando escrevo”. Para Fernanda, é um desafio escrever para diferentes tipos de público. “Tem desde criancinhas de escola que recortam o texto para fazer alguma observação na aula, até gente mais velha que se identifica com alguns pensamentos da minha geração”.

Fernanda escreve textos humanos de muita sensibilidade sobre experiências pessoais e também histórias fictícias que ilustram o cotidiano. Os assuntos são os mais diversos: uma homenagem ao Maurício de Souza, uma conversa inusitada com um taxista de São Paulo, uma reflexão sobre a necessidade das pessoas seguirem em frente após sofrerem perdas. São linhas que também revelam muito da própria. Fernanda, por exemplo, tem um lado *trash* e disse, em um dos textos, gosta de programas e documentários sobre médicos trabalhando nas salas de emergência, criminosos e perseguições policiais.

Apesar da liberdade de assuntos e formatos, ela confessa ter angústia toda vez que entrega a coluna para a editora. Algumas razões para tal é que Fernanda Takai substituiu Ziraldo no Estado de Minas e não havia nenhum colunista com menos de 50 anos escrevendo no jornal. “Além de tudo, acho que escrever num jornal é um espaço político muito importante. Entrei na faculdade para ser jornalista e tenho a perfeita noção do que é ter um espaço num veículo de comunicação que é líder no seu estado. Então procuro ser uma pessoa produtiva e coloco um pouco do meu cotidiano, da minha visão de mundo”.

Outro desafio que Fernanda enfrenta é conciliar sua nova carreira de colunista com o Pato Fu. “Tenho de escrever 56 textos para um ano de contrato (no Estado de Minas) justo agora que minha carreira retomou. Num dos momentos mais ocupados da minha vida e peguei mais uma coisa para fazer. Mas acho que a gente encontra tempo para tudo se for bem disciplinado e isso eu sou”.



Los Hermanos - Quatro

Falar bem do Los Hermanos hoje é muito fácil. É a banda anti-mídia, anti-badalação, anti-afetação, anti-comercial e mais um monte de outros "antis" que puder encontrar. Os integrantes têm postura e fazem canções que atingem em cheio o gosto da crítica. Ainda conseguem ir além ao conseguir algum sucesso em rádio e vendas. Quem não vibrou com a luta "épica" dos Hermanos com o *Bloco do Eu Sozinho* contra as determinações da gravadora que esperava um disco cheio de hits como *Anna Júlia*?

Com o mais recente trabalho, *Quatro*, a banda parece que isolou em si mesma apresentando letras sutis, tristes, arranjos minimalistas, paisagem bucólica. Os metais que os acompanharam nos três discos anteriores ficaram mais contidos, pouco utilizados. Não havia espaço para eles em algo tão intimista. Marcelo Camelo canta cada vez mais para dentro em suas composições, em especial na bossinha *Sapato Novo*, e no sambinha *Fez-se Mar*. Amarante é o contrário. Não muda nunca o jeito arrastado de cantar e, pela primeira vez, pode dizer que os melhores momentos de um disco dos Hermanos é dele.

Não é por menos que *O Vento*, de Amarante, foi a eleita para começar o trabalho de divulgação. É a mais fácil de assimilar, tem energia e abre o bloco das três canções com alguma explosão, que são *Horizonte Distante* e *Condicional*. No geral, *Quatro* requer disposição do ouvinte. É também previsível, vindo pelo caminho que os Hermanos estavam tomando nos trabalhos anteriores. *Quatro* anda sendo classificado como arte por causa de suas sutilezas. Eu não vejo assim. Fico mesmo é com a opinião de um amigo. *Quatro* é da praiazinha, do violãozinho, da maconhazinha, do vinhozinho, da trepadinha... ou seja, é o disco do "inho".



Ludov - O exercício das pequenas coisas

Ah, o bom e velho pop! Que maravilha é poder escutar um disco cheio de canções que podem fazer parte da sua trilha sonora cotidiana. E tem para todos os momentos: para o banho de sol, o café da manhã, um instante de tristeza, uma reflexão, aquela que se canta debaixo do chuveiro, para um amor tranqüilo preste a amadurecer. Ouvir *Exercício das pequenas coisas*, o primeiro "completo" do Ludov, é tão fácil e tão bom.

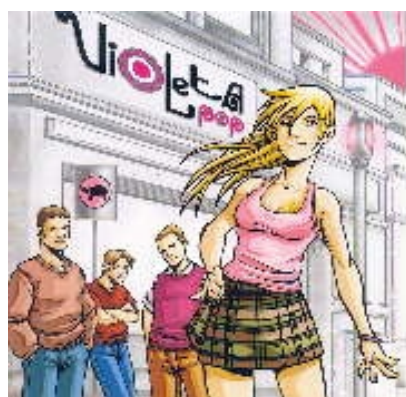
Mas não é um disco banal. Algumas das letras tem jeito antigo, com detalhes que lembram construções poéticas de um samba-canção dos anos 50. Como na música *Esquece e Vai Sorrir*, onde diz: "e trazer consigo as dores de quem teve amores como eu/ e não foi capaz de compreender o que aconteceu". Noutras, você é pego pela sonoridade. É o caso de *Sete Anos*, que tem vocal de Mauro Motoki. É quase impossível escuta-la sem balançar a cabeça e estalar os dedos.

Falar da banda é dizer que Vanessa Krongold tem uma voz melodiosa e única, que todos os cinco integrantes conduzem seus instrumentos com competência. Mas há de se destacar o guitarrista e tecladista Mauro como compositor. Desde a fase Maybees que ele demonstrava ser muito hábil compondo em inglês. Agora com o bom e velho português que, dizem, é muito mais complicado, Mauro mostra simplicidade e sutileza ao falar do amor. Não vou estranhar quando as pessoas começarem a descobrir o Ludov e, com isso, vir as versões. São conseqüências naturais de um grande trabalho.



Pitty - Anacrônico

Nada de "pane no sistema". Pitty não se desconfigurou em *Anacrônico*, o segundo disco solo da cantora baiana. Ela continua fazendo músicas com a guitarra pesada e letras que grudam. Traduzindo: a fórmula perfeita para agradar o público, em especial os adolescentes, e tocar muito nas rádios. Mas seria injusto reduzir o disco e enquadrá-lo na fórmula pop com maquiagem do modismo do rock. *Anacrônico* é bom, daqueles que se ouve do início ao fim sem sacrifício algum. Na média que as faixas vão passando, algumas surpresas vão aparecendo. Depois de algumas canções semelhantes aos hits *Máscara* e *Admirável Chip Novo*, do disco anterior, você se depara com hardcore simples e direto *Aahhh* e em seguida o quase heavy blues *Ignoring U*, onde se pode perceber influência de Nancy Sinatra. O barato é que sendo a Pitty e toda a sua popularidade, é bem possível que canções assim possam parar nas rádios. O miolo do disco é mais calmo, que segue a cartilha do hit *Equalize*, sendo *Brinquedo Torto* e *Na Sua Estante* as faixas mais interessantes. Pitty ainda tenta surpreender ao encerrar *Anacrônico* com a faixa instrumental *Querer Depois*, boa para relaxar os ouvidos depois de tanta distorção.



Violeta Pop - Idéias Pink

De fato não se deve julgar o produto pela embalagem. O quarteto gaúcho Violeta Pop desenvolveu um projeto visual muito bom. Transformaram os integrantes da banda em personagens de história em quadrinhos no encarte do CD *Idéias Pink*. Desenvolveram um site bacana. O som é redondinho, os dois vocais cantam direitinho (apesar de não gostar do timbre de voz da vocalista), as músicas são "ok", mas é só isso. Faltou personalidade.

FIQUE DE OLHO: Libertália

O trio goiano Libertália tem tudo para dar o que falar. O que Sam, Milla e Thiago fazem é um som calcado na MPB que é uma delícia de se ouvir. A voz de Milla é limpa, melodiosa, e as composições de Sam são muito boas. Destaque para a bossa *Androceu*. "Desperdicei o tempo que era só meu/ e agora não há o que se lamentar/ quisera estar um pouco ao lado teu/ tão perto". O projeto começou neste ano e, por enquanto, o Libertália tem apenas uma pré-demo que está disponível no site da Trama Virtual. É torcer para o trio conseguir fazer o primeiro disco com uma boa produção, porque qualidade artística eles tem.

www.tramavirtual.com.br/libertalia

Recomendo

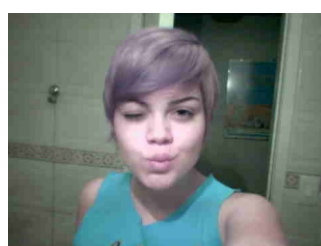


Ana Laura (designer)

Ok Computer – Radiohead
Idem – Móveis Coloniais de Acaju
Bloco do eu sozinho – Los Hermanos

Gol de Quem? – Pato Fu
Nadadenovo – Mombojó

Não recomendo



Joana (ex-vocalista, atualmente desempregada)

Quatro – Los Hermanos
One Hot Minute – Red Hot Chili Peppers
Samba Poconé – Skank
As dez mais – Titãs

Shepherds Moons – Enya

*Fala galera!
Sou Gizza Machado vocalista da BigG!
É um prazer enorme estar participando do zine de uma
forma tão descontraída!
Aqui você vai conhecer um pouco mais sobre o meu
trabalho com a "BigG" www.bigg.com.br e conferir de
perto os poemas que estou escrevendo.
Quem disse que roqueiro também não é romântico?
Fique ligado! Porque o show vai começar!*

Um Big Beijo no coração

*Gizza Machado
Energia Positiva Sempre!*



FRIDAY

*"DIA DE SER LIVRE
DIA DE SER O QUE TIVER QUE SER
SEM SE PREOCUPAR COM NADA
NEM COM AS LOUCURAS DO PENSAMENTO
É DEIXAR TUDO ACONTECER SEM SE PREOCUPAR
DIRIGIR O CARRRO SEM SABER PARA ONDE IR
LIGAR O SOM BEM ALTO...
SENTIR O VENTO NOS CABELOS
REPIRAR FUNDO... E FALAR O QUE QUISER
VER UM GATO CORRENDO NA CALÇADA
E GRITAR "GOSTOSO"
MESMO QUE ELE NÃO SEJA
SÓ PARA SAIR DESSA ROTINA
QUE ACABA COM A GENTE."*

Gizza Machado

POR QUE LER QUADRINHOS?

Argumento - Sandro Marcelo

Sete anos de idade e um dia ensolarado. Pai e irmãos dentro do fusca a caminho do parque. No meio do caminho uma paradinha numa banca para comprar drops e eu me vi em frente a uma vitrine onde uma revista mostrava um pato sobre as duas patas correndo atrás de outros três patinhos menores. As expressões fisionômicas (a fúria do pato e o desespero dos patinhos) atraíram tanto minha tenção que só arredei o pé da banca quando meu pai comprou aquela *Pato Donald* em 1978.

A partir daí não parei mais. Um mundo de fantasia e diversão estava à minha frente. Com avidez eu devorava aquelas figuras coloridas cheias de graça, com tiradas bem humoradas que me faziam rir e aventuras de um certo camundongo que me faziam vibrar e desejar estar com eles.

Hoje isso está morrendo, e é duro ver que os rostos inexpressivos dos personagens de videogame 3D têm se mostrado mais interessantes do que um expressivo personagem desenhado. Há uma magia nos quadrinhos que transcende a barreira do som e do movimento. O cinema, o teatro, a televisão precisam de sons e movimentos para que possam ser compreendidos e apreciados. Nos quadrinhos uma simples onomatopéia nos traduz um imenso volume de informações.

Faço quadrinhos há 23 anos (desde os 10) e até hoje é uma mídia que me fascina e encanta pela sua linguagem ousada e pela flexibilidade e variação de temas. Há quadrinhos para todos os gostos: para quem curte filosofia, ciências humanas em geral, psicologia e tantas outras vertentes da ciência, os quadrinhos chamados autorais, que abordam temas do cotidiano de uma forma extremamente humanizada, mostrando conflitos reais no âmbito social, cultural, filosófico. Quadrinhos como *No Coração da Tempestade*, de Will Eisner, por exemplo. Para quem curte muita porrada, diálogos rápidos, roteiros astronômicos de fantasia mesclados com temas psicológicos, históricos e mitológicos temos os Mangás – quadrinhos japoneses que em boa parte são paralelos aos animes, que passam nos programas infantis da atualidade. Temos os consagrados infantis que também divertem os adultos com histórias engraçadas e muitas vezes com bons panos de fundo moral: *Turma do Xaxado*, de Antonio Cedraz, *Turma da Mônica* e *Disney*, lembrando que os dois primeiros são produções exclusivamente nacionais! Há quadrinhos para quem gosta de faroeste como *Tex*, *Zagor* e *Cavaleiros do Oeste*. Para quem é fã de mistério, terror e suspense: *Dylan Dog*, *Martin Mystère*, *Dampyr*, *Aventuras de uma Criminóloga*, e o excelente fanzine *O Martelo*, de Erick Lustosa. E finalmente os ficção científica e super-heróis: os nacionais *Brado Retumbante*, *Campana* e também *Homem-Aranha*, *Super Homem*, *Batman* e outros.

O mais importante é que saibamos que existem histórias a serem contadas expressadas nessa forma de arte que vem sendo desprezada e discriminada nesse nosso país carente de leitores e de pessoas que procurem se divertir de uma maneira até mesmo menos dispendiosa e mais instrutiva. Você precisa no mínimo R\$ 60,00 para poder fazer alguma noitada em grupo, correndo o risco de ficar liso e ter uma bruta ressaca no dia seguinte. Com R\$ 5,00 você pode comprar uma boa revista em quadrinhos, se diverte com algo que lhe trará acima de tudo uma boa distração e o que é melhor: não te deixa com ressaca no dia seguinte!

UMA HISTÓRIA DE DETETIVE DAS BOAS



Junte adolescentes bonitos, cenário escolar, uma história de detetive bem construída. O que teremos? *Veronica Mars*, a série de TV mais subestimada da atualidade. A menina do título investiga casos junto com o pai detetive particular. Sua vida virou de ponta cabeça após a morte da melhor amiga em circunstâncias não explicadas. As coisas pioraram quando sua mãe saiu de casa sem dizer tchau. Agora tudo que a detetive teen deseja é colocar o assassino da amiga na cadeia e descobrir as razões que levaram sua mãe a abandoná-la. Enquanto isso, ela vai sobrevivendo na escola e solucionando os mistérios que aparecem. Rob Thomas reuniu tudo que há de melhor nas histórias de detetives e criou uma série cativante. Os roteiros são dinâmicos, inteligentes e os atores são carismáticos. *Veronica Mars* é sucesso de crítica nos Estados Unidos; pena que boa parte do público mal sabe que ela existe. A protagonista, Kristen Bell, chegou a ser capa de revista especializada com a manchete "a melhor série que você não está vendo". Uma razão da baixa audiência é a emissora UPN, que é pequena. Outra, é que ela é transmitida no mesmo dia e horário da série *Lost*, a atual coqueluche nos Estados Unidos e em vários países. No Brasil, é possível ver *Veronica* na TNT às terças-feiras, porém num horário difícil: às 18h. A reprise é no sábado ao meio dia. Assim fica complicado! Para quem pode ver durante a semana, bom, mas quem não pode, é só ter um pouco de boa vontade e atrasar o almoço em uma hora. *Veronica Mars* é diversão na certa.

DILEMA QUASE EXISTENCIAL

É comum encontrar na atualidade produtores/criadores de séries de TV ou mesmo diretores de cinema que se aventuram nos quadrinhos. J. Michael Straczynski seguiu esse caminho, porém com algumas peculiaridades. Ele foi o criador da série de TV *Babylon 5*, a primeira na história da televisão a ter planejamento prévio de temporadas (foram cinco para contar uma história com início, meio e fim). A série foi um sucesso e J. Michael ficou motivado a criar algo semelhante nos quadrinhos. Surgiu *Rising Stars*. É uma pequena novela sobre 113 pessoas com super-poderes. Algumas viraram heróis, outras vilões, mas a maior parte só quis tocar a vida. Elas viviam em certa harmonia com o resto da sociedade, até que o universo delas começou a ser abalado após alguns assassinatos. Não há nada nos desenhos que não se encontre numa revistinha da Marvel ou DC, e o estilo J. Michel segue a escola de Alan Moore, ou seja: muita narração e longos diálogos. *Rising Stars* vale a pena porque a história é muito boa. Simples assim. Uma vez que se começa a ler, só é possível parar ao final da última página.

